

Uma história da etnologia alemã no Brasil pela pesquisa de Erik Petschelies

*Felipe Neri Alves Pinto*¹

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em
Antropologia Social da Universidade Estadual de
Campinas (UNICAMP).

E-mail: felipepinto.nery@yahoo.com.br

ORCID: orcid.org/0000-0003-4909-6093



Resumo

Resenha do livro *Ascensão e declínio da etnologia alemã (1884-1950)*, de Erik Petschelies.

Palavras-chave:
História da
Antropologia;
Etnologia Indígena;
Etnologia Alemã;
Americanistas;
expedições científicas.

Abstract

Book review of *Ascensão e declínio da etnologia alemã (1884-1950)*, by Erik Petschelies.

Keywords: History
of Anthropology;
Indigenous
Ethnology;
German Ethnology;
Americanists;
scientific expeditions.

Resumen

Reseña del libro *Ascensão e declínio da etnologia alemã (1884-1950)*, de Erik Petschelies.

Palabras clave:
Historia de la
antropología;
Etnología indígena;
Etnología alemana;
Americanistas;
expediciones
científicas.

O livro de Erik Petschelies é o resultado de sua pesquisa de doutorado, defendida em 2019 no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas (PPGAS/Unicamp), e enfoca a atuação de um grupo de pesquisadores alemães que, no fim do século XIX e no início do XX, atuou nas Terras Baixas sul-americanas e ficou conhecido como “americanistas” (*Amerikanisten*). São eles Karl von den Steinen (1855-1929), Paul Ehrenreich (1855-1914), Theodor Koch-Grünberg (1872-1924), Max Schmidt (1874-1950), Wilhelm Kissenberth (1878-1944) e Fritz Krause (1881-1963).

Um dos pontos fortes do trabalho é a pesquisa minuciosa realizada em diversos arquivos. Petschelies aposta na análise de uma rede transatlântica composta por diversos intelectuais e instituições que foram fundamentais para o desenvolvimento do projeto americanista alemão. A pesquisa, realizada em arquivos em diversos países (Alemanha, Brasil, Estados Unidos, França, Paraguai, Suécia e Suíça), contou com três diários de campo, mais de cem fotografias e mais de oito mil correspondências. Tudo isso permite ao autor a reconstrução das redes nas quais os americanistas se articulavam, revelando como a etnologia alemã americanista foi se desenvolvendo. Assim, com uma abordagem historiográfica em que une tanto os níveis internalista e externalista, o autor apresenta como os conceitos utilizados pelos etnógrafos alemães estão intrinsecamente ligados aos contextos sociais de produção do conhecimento.

A importância que a etnologia alemã teve no Brasil não é uma novidade. Na década de 1950, por exemplo, Egon Schaden, ao abordar a importância de Von den Steinen, afirmava que

difícilmente haverá um especialista em etnologia brasileira que deixe de reconhecer que os resultados das duas referidas expedições ao Xingu no último quartel do século passado abriram uma nova era no estudo de nossas culturas aborígenes (Schaden, 1956, p. 121).

Uma década depois, atribuiu a mesma importância ao trabalho de Paul Ehrenreich, que seria “indispensável aos que se ocupam com a etnologia do Brasil” (Schaden, 1964, p. 84). Apesar disso, principalmente para a antropologia brasileira, as obras dos etnólogos alemães ficaram por muito tempo restritas a leitores de alemão. No entanto, se, muito devido ao trabalho de Herber Baldus, Egon Schaden, Emilio Willems e, posteriormente, Thekla Hartmann, a antropologia alemã aparecia com destaque, a partir do final da década de 1960, essas refe-



PETSCHELIES, Erik. *Ascensão e Declínio da Etnologia Alemã (1884-1950)*. Campinas: Editora da Unicamp. 2022.

1. O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Brasil. Processo nº 2022/13491-1.

rências quase desapareceram do cânone da América Latina (Vermeulen; Pinheiro; Schröder, 2019, p. 79). Assim, como aponta Schröder, em muitos casos “a etnologia alemã, antiga e atual, representa uma terra incógnita” (2024, p. 1) no Brasil. Contudo, uma retomada da reconstrução histórica das influências alemãs na antropologia brasileira pode ser vista recentemente. O conhecimento das influências que a etnografia alemã teve na antropologia brasileira tem sido aprofundado graças à reedição de obras como a monumental *Do Roraima ao Orinoco*, de Koch-Grünberg, e *Os Aruaques*, de Max Schmidt, cuja tradução é assinada por Petschelies, que dividiu a organização com Peter Schröder; somase também uma série de trabalhos elaborados a partir da releitura dos textos clássicos da antropologia alemã (Viertler, 2017), a publicação de cartas traduzidas de etnólogos alemães (Welper, 2019), novas pesquisas de arquivos e mesmo dossiês como o publicado na *Revista de Antropologia*, em 2019, denominado “German-Speaking Anthropologists in Latin America, 1884-1995”, entre outros, revelando um novo momento no qual o livro de Petschelies se enquadra.

A primeira parte do livro é dedicada ao aparato conceitual desenvolvido na Alemanha desde o século XVIII, em que, conforme Vermeulen (2015), teria ocorrido a fundação da etnologia alemã a partir de Gottfried Leibniz (1646-1716). Passando pelos debates a partir das obras de Johann Gottfried Herder (1744-1803), dos irmãos Wilhelm (1767-1835) e Alexander von Humboldt (1769-1859), de Adolf Bastian (1826-1905), principal referência intelectual dos americanistas, de Friedrich Ratzel (1844-1904), geógrafo importante no estudo da antropogeografia e de Rudolf Virchow (1821-1902), um dos nomes mais proeminentes da antropologia física do período, Petschelies mostra como os debates do período influenciaram o estabelecimento de uma agenda de pesquisa levada adiante pelos americanistas. Bastian e Virchow, aliás, foram os principais nomes para o estabelecimento de uma antropologia “moderna” alemã. Sendo Bastian o principal nome da *Ethnologie*, traduzido por etnologia em contraposição ao termo *Anthropologie*, traduzido como antropologia física, cujo principal nome era Virchow, os dois deram o impulso necessário às pesquisas americanistas e foram os responsáveis por estabelecer os parâmetros do americanismo alemão e a fundação da revista *Zeitschrift für Ethnologie* em 1869, da Sociedade Berlinense de Antropologia, Etnologia e Pré-História e do *Königliches Museum für Völkerkunde* (Museu Real de Antropologia) um ano antes.

Uma vez que o *Völkerkunde* – traduzido por Petschelies como antropologia – englobaria o campo dos estudos mitológicos, linguísticos, de cultura material, de antropologia física e de arqueologia, os americanistas tinham a partir dessas concepções as bases epistemológicas para suas pesquisas nas Terras Baixas sul-americanas.

Um dos pontos de maior importância no projeto etnográfico alemão era o estudo da cultura material. Nesse sentido, o desenvolvimento da antropologia alemã e o trabalho dos americanistas está intimamente atrelada aos museus etnográficos, e talvez um dos aspectos principais de sua atividade tenha sido a coleta de material etnográfico. A quantidade colossal de peças coletadas – e em muitos casos roubadas – por cada expedição e enviadas aos museus poderia render diversos estudos sobre a cultura material. Mesmo as expedições que são descritas como fracassos científicos, todas – as boas e ruins – apresentam uma constante: são caracterizadas como um sucesso no que diz respeito à formação de coleções. A formação de coleções etnográficas foi de tal magnitude que, como apresentado no livro, no início do século XX, o Museu de Berlim já não comportava mais o seu volume (Penny, 2002).

Apesar da primeira parte ser fundamental para a compreensão do projeto americanista, o cerne do livro reside nas partes dois e três, em que acompanhamos em detalhes as expedições das duas gerações de americanistas alemães. Afinal, como expresso pelo próprio autor, é necessário “fazer uma breve incursão na história do conceito de antropologia em alemão” (Petschelies, 2024, p. 42) para que a prática dos etnólogos seja compreendida e, nesse sentido, a primeira parte atinja seu objetivo de apresentar ao leitor as bases epistemológicas por trás das expedições.

A segunda parte do livro é dedicada às expedições dos pesquisadores que constituíram a primeira geração de americanistas: a de Von den Steinen ao Xingu em 1884 e 1887-1888 (com Ehrenreich); a de Ehrenreich ao Rio Doce em 1885 e aos rios Araguaia e Purus em 1888-1889; a de Meyer ao Xingu em 1896 e de 1898 a 1899. Já a terceira parte da obra acompanha as expedições de Schmidt ao Xingu entre 1900 e 1901 e ao Mato Grosso em 1910; de Koch-Grünberg ao Rio Negro de 1903 a 1905 e de Roraima ao Orinoco de 1911 a 1913; e as de Krause (1908 - 1909) e Kissenberth (1908-1910) no Rio Araguaia.

Na segunda parte do livro, dedicada à primeira geração de americanistas, o subtítulo já é um indicativo do tipo de preocupações que estavam em jogo nesse período: “de crânios e palavras”. Iniciando pela

primeira expedição de Von den Steinen ao Xingu, uma “terra incógnita”, Petschelies apresenta como as concepções de Humboldt, Ratzel e Bastian se articulavam na prática antropológica. O projeto de “descobrir, medir e classificar os céus e a terra, além dos povos entre essas extremidades” (2022, p. 127), colocado em prática pela expedição de Von den Steinen, estava em sincronia com os pressupostos dos teóricos alemães. As maiores contribuições das expedições de Von den Steinen foram no campo da linguística, pois ele teria colocado o Xingu “na rota de análise da linguística” (2022, p. 165) e inserido essa terra incógnita como área cultural, conceito amplamente utilizado até a metade do século XX.

A forma como Von den Steinen escreve o livro *Durch Central-Brasilien* é um dos focos mais importantes da análise de Petschelies. Narrado em primeira pessoa, “ao modo de um diário de campo” (2022, p. 158), com uma narrativa aventureira em que apenas nos capítulos finais são apresentados os resultados científicos, ele é um marco da forma desenvolvida pelos americanistas para a escrita etnográfica. Sendo um misto de narrativa de viagem – uma *Bildungsreise*, muito apreciada pela burguesia letrada alemã do século XIX – e texto com aspirações científicas, a forma de descrever e narrar as pesquisas de campo é um tema que permeia a obra, assim como indissociável do próprio fazer etnográfico. Nesse sentido, como apontado pelo autor, uma diferença fundamental se encontra entre os trabalhos de Von den Steinen e Ehrenreich: a forma de narrar suas experiências seria um dos aspectos-chave entre o maior ou menor sucesso que seus trabalhos tiveram na Alemanha, e um índice importante para o financiamento de suas próximas viagens. Uma vez que o segundo escrevia apenas textos científicos para o público especializado, a recepção de seu trabalho foi bem diferente da de Von den Steinen.

A expedição de Ehrenreich ao Rio Doce (1885) é “hoje em dia praticamente ignorada pela história da etnologia indígena brasileira” (2022, p. 192). Além de sua escrita priorizar os especialistas, ele não estava inserido na mesma rede intelectual de Von den Steinen, não obtendo a mesma visibilidade na Alemanha. Além disso, o fato de pesquisar a área do Rio Doce, região que não representava uma preocupação latente, seja da política brasileira seja por não ser terra incógnita, parece ter tornado suas pesquisas ofuscadas. Devido à região já ter sido o foco de outros pesquisadores e aos Botocudos serem um povo que já contava com dados coletados, isso afastava o interesse de financiamento, tanto

na Alemanha quanto no Brasil. O próprio Estado brasileiro, cuja figura central de dom Pedro II visitara os Botocudos anteriormente, não tinha interesse em apoiar mais essa expedição. Além disso, Ehrenreich parece ter sido mais alinhado às preocupações de Virchow do que de Bastian. A intensa coleta de crânios e de materiais de antropologia física o colocaram em uma rede importante, uma vez que a circulação de crânios formava uma rede assim como a de objetos. E talvez seja precisamente por isso que a atuação dele seja a que Petschelies afirme ser a mais ignorada. O completo afastamento que a antropologia de hoje mantém da chamada antropologia biológica pode em parte explicar o porquê do esquecimento dessa obra do americanismo. Além disso, a forma de Ehrenreich de coletar muitos dos materiais para sua antropologia física são, para dizer o mínimo, moralmente questionáveis. O antropólogo furtou ossadas e crânios em mais de uma oportunidade e até mesmo exumou covas sem autorização. No entanto, um aspecto da pesquisa de Ehrenreich deve ser destacado: foi o primeiro a tirar fotografias de povos indígenas das Terras Baixas sul-americanas. Mesmo que grande parte de suas fotografias tenham sido para registrar os tipos físicos (Petschelies cita mais de duzentas desse tipo), auxiliando nas medições antropométricas, a partir de Ehrenreich a máquina fotográfica se tornou um instrumento indispensável aos americanistas, e a fotografia foi considerada “não como um ofício secundário no seu campo de interesse de investigação, mas parte integrante de sua epistemologia” (2022, p. 184).

Na segunda expedição ao Xingu (1887-88), um componente central para o sucesso do empreendimento é apresentado: o apoio de uma rede formada pelos *Auslandsdeutsche* (alemães estrangeiros). Essa rede formada por americanistas e imigrantes de origem alemã que se estabeleceram no Brasil é um ativo fundamental em diversas pesquisas. É graças ao apoio desses “alemães estrangeiros” que os pesquisadores conseguiram tanto pessoal como financiamento em diversas etapas da pesquisa.

Herrman Meyer, apontado pelo autor como o terceiro representante da primeira geração de americanistas, apresenta um contraponto interessante às figuras de Von den Steinen e Ehrenreich. Apoiado no trabalho de Hermannstädter (2004), Petschelies apresenta, a partir da figura quase caricata de Meyer, uma série de problemas em suas expedições e projetos científicos. A começar por ser descrito como um burguês que estaria mais interessado na fama do que em qualquer outra coisa. Nesse

sentido, as constantes brigas em sua equipe grandiosa, que contava até mesmo com um mordomo, e o fato de suas expedições serem descritas como um fracasso científico, revelam que o poder adquirido por Meyer envolvia aspectos extracientíficos. Meyer, também é apresentado como uma pessoa sem escrúpulos no que diz respeito às suas relações, não só com sua equipe, mas principalmente com os nativos. Entrava nas aldeias e tomava o que queria sem nenhuma negociação. Com isso, roubou uma coleção de mais de quatro mil objetos. No entanto, mesmo sendo descrito como um fracasso científico, a expedição de Meyer teve um componente importante: Koch-Grünberg fazia parte da equipe e aprendeu na prática o que não fazer.

A terceira parte do livro é dedicada à segunda geração de americanistas. Com uma série de mudanças fundamentais que ocorreram na Alemanha e no Brasil na virada do século, tanto institucionais como geracionais, esses pesquisadores foram os responsáveis por um novo parâmetro nas pesquisas americanistas. No Brasil, a transição do regime político do Império para a República também influenciou sobre o financiamento de novas expedições. Com a etnologia americanista já bem estabelecida na Alemanha e com Von den Steinen como diretor do Museu Real de Antropologia de Berlim e estimulando novas pesquisas, foi possível a formação de novos pesquisadores a partir da instituição. Se os integrantes da primeira geração tinham uma formação médica, como Von den Steinen e Ehrenreich, os membros da segunda geração possuíam uma formação distinta e que em muitos momentos passava pelo Museu. Max Schmidt era jurista de formação, mas mudou-se para Berlim para estudar antropologia e etnografia, tendo trabalhado como voluntário no Museu inicialmente e, depois de sua primeira expedição, voltou a trabalhar na instituição, tornando-se assistente de direção geral. Da mesma forma, Koch-Grünberg também assumiu funções no Museu, tendo formação em etnologia na instituição; foi o primeiro dos americanistas a realizar uma educação formal completa na área com a defesa de seu doutorado em *Völkerkunde* na Universidade de Würzburg em 1902.

Outra mudança fundamental descrita entre a primeira e a segunda geração de americanistas é a forma de se realizar a pesquisa de campo. Se a primeira geração foi marcada por grandes expedições, com pesquisas cujo enfoque eram panoramas de grandes regiões e uma etnografia de fluxos, em que os pesquisadores percorriam áreas culturais

mais amplas, o interesse dos pesquisadores da segunda geração eram pesquisas intensivas, com estadias prolongadas e ausência de grandes comitivas em grupos indígenas. Isso mais de uma década antes de Malinowski demarcar os parâmetros para a pesquisa de campo.

A forma de narrar a experiência em campo é substancialmente alterada em Schmidt e em Koch-Grünberg. Schmidt insere, segundo o autor, a narrativa de suas “vivências”, em que a subjetividade e afetos seriam fundamentais, alterando o “eu etnográfico” tal qual elaborado por Von den Steinen. Para Petschelies, Schmidt representava a ideia de um “cientista romântico”, para quem a vivência entre os indígenas era o foco da narrativa. Já Koch-Grünberg, uma das figuras-chave, seria o ápice da etnologia alemã americanista do período. Segundo Petschelies, Koch-Grünberg teria adotado uma postura de “cientista sóbrio” e seria o inventor do papel do etnólogo moderno, cuja autoridade etnográfica estaria baseada em critérios profissionais. Assim, a forma com que cada etnólogo é caracterizado é um índice interessante sobre o desenvolvimento do americanismo alemão e da narrativa adotada em seus textos: Von den Steinen como o “cientista heroico”, Schmidt o “cientista romântico”; Koch-Grünberg o “cientista sóbrio”.

Na quarta e última parte do livro, acompanhamos o que seria a derrocada do americanismo alemão. Aqui, o autor apresenta como as novas configurações sociais e políticas a partir da Primeira Guerra Mundial causaram um impacto decisivo, criando o “crepúsculo” do americanismo alemão. Depois de 1915, a academia alemã teve suas estruturas completamente abaladas em decorrência dos esforços de guerra. Muitos dos intelectuais, inclusive, foram para o fronte. E com isso, o espaço que antes era ocupado pelo país no americanismo foi sendo deslocado para os EUA e para a Suécia, sendo Nordenskiöld (1877-1932) um dos nomes de destaque. Além disso, com as mortes de Bastian, Virchow e Ratzel no início do século, a academia alemã sofreu uma mudança de enfoques teóricos. Agora, o método histórico-cultural de Graebner e Ankermann ganhava cada vez mais força. Em 1929, tanto o falecimento de von den Steinen como a emigração de Max Schmidt para a América do Sul são os marcos que o autor aponta para o fim do projeto americanista berlinense no Brasil. No período entreguerras muitos intelectuais alemães migraram definitivamente, o que influenciou no declínio da academia alemã. Assim, a vinda de Schmidt para o Brasil foi um dos marcos para a derrocada do projeto americanista alemão.

Ele passou pelo Rio de Janeiro, onde manteve contato com as coleções do Museu Nacional e com nomes importantes da instituição como Edgar Roquette-Pinto (1884-1954) e Heloísa Torres (1885-1977), por São Paulo, onde conheceu o Museu Paulista, por Cuiabá, onde residiu por um ano, até se estabelecer definitivamente no Paraguai, onde assumiu o cargo de diretor e curador do Museu de Etnografia de Assunção e lecionou etnografia e etnologia na Escuela Superior de Filosofía. Mesmo com o esforço de Koch-Grünberg em reestabelecer uma rede de pesquisas, que agora passava a contar principalmente com intelectuais brasileiros como Capistrano de Abreu (1853-1927), Teodoro Sampaio (1855-1937), e o teuto-brasileiro Curt Nimuendajú (1883-1945), o americanismo alemão não conseguiu se reestabelecer.

Para além das particularidades interessantíssimas de cada expedição etnográfica descrita e dos resultados científicos, existem quatro tópicos centrais que perpassam todo o livro e que devem ser ressaltados: a relação entre etnógrafos e comunidades estudadas; a forma de escrita etnográfica; as relações políticas envolvidas; e o desenvolvimento de técnicas audiovisuais na pesquisa etnográfica.

O primeiro diz respeito à relação com que foram estabelecidos os contatos entre pesquisadores e pesquisados, que seria “muito mais complexa do que a tradicional e historicamente datada dicotomia assimétrica entre sujeito e objeto” (Petschelies, 2022, p. 226). Nessa toada, a figura de Antônio Bakairi aparece de forma transversal em todo o livro permitindo tensionar e complexificar um tema central para a antropologia: a relação entre cientista e nativo. Como bem observado por Petschelies, Antônio aparece tanto na primeira como na última expedição dos americanistas, sendo uma figura que foi ganhando destaque a cada pesquisa no Xingu. Ao abordar as expedições de Von den Steinen, principalmente a segunda, Petschelies se atém ao papel dúbio que Antônio apresentava para o expedicionário. Na primeira expedição, o ainda jovem Antônio foi empregado por Von den Steinen em meio a sua grande comitiva para ajudá-lo a fazer um glossário da língua Bakairi. Acompanhando o grupo como tradutor nas demais aldeias, Von den Steinen foi cada vez mais se apoiando na figura de Antônio. Ao mesmo tempo que percebeu que a comitiva formada por 28 soldados armados era um empecilho de pesquisa e dispensou diversos deles, contratou o tradutor Bakairi. Antônio o acompanhou até o Rio de Janeiro ao final da primeira expedição para a apresentação dos resultados. Na segunda

expedição ao Xingu, os americanistas montaram uma equipe apenas com civis e Antônio foi mais uma vez contratado pelo grupo. A hierarquia retratada nessa expedição é interessante. Ainda que houvesse uma clara separação entre os “senhores” – pesquisadores europeus – e os “camaradas”, Antônio fazia parte do primeiro grupo. Como bem observado pelo autor, até a forma de descrever Antônio nos livros de Von den Steinen é reveladora dessa posição dúbia. Em *Die Bakairi-Sprache*, por exemplo, Antônio aparece como um integrante fundamental da pesquisa. Em vez de ser um *informant*, é um *Gewährsmann*, termo que indica um porta-voz ou testemunha, responsável pelo que seria um estudo “multivocal” (2022, p. 231). É óbvio, como indica o autor, que existia uma hierarquia e que a relação dos americanistas estava longe de ser harmoniosa. Mas a partir da relação com Antônio, percebe-se nuances no fazer antropológico.

A segunda é a forma de escrita e narrativa etnográfica. Petschelies mostra bem como “tão relevante quanto explorar era escrever” e que a “atividade etnográfica também era uma atividade literária” (2022, p. 157). Nesse sentido, o autor revela a partir das publicações de cada um dos americanistas como a forma de narrar as experiências em campo foram centrais tanto para o reconhecimento entre os pares como para compreendermos os projetos acadêmicos de cada um dos etnólogos.

A terceira é a formação de redes políticas: “não existe trabalho de campo livre de interferência política” (2022, p. 203). Um dos pontos de destaque no trabalho é o de demonstrar como as pesquisas americanistas estavam imersas em disputas políticas diversas, tanto em âmbito nacional quanto local, sem falar na rede internacional dos pesquisadores. Assim, as dinâmicas entre os pesquisadores e os políticos, sejam em âmbito nacional (do Império do Brasil e posteriormente da República), sejam os interesses políticos locais, permitem ao leitor compreender melhor as dinâmicas de cada expedição, suas condições de financiamento e os interesses de pesquisa.

E por fim, o leitor encontra no livro um panorama do desenvolvimento do uso de aparatos tecnológicos como fotografias e gravações de áudios como registros etnográficos – desde a utilização de máquina fotográfica por Ehrenreich e a evolução na forma de se registrar as expedições, passando pelo registro de sons com o pioneirismo de Krause na gravação de canções indígenas até o uso de filmadoras. Os interessados na história do audiovisual na antropologia têm no desenvolvimen-

to do americanismo alemão uma referência fundamental. Além disso, as diversas fotografias publicadas no livro permitem que o leitor entre em contato com os registros realizados pelas expedições.

O livro de Petschelies constitui uma referência nessa nova fase de estudos sobre o americanismo alemão. Ao trazer para o debate atual questões fundamentais para a antropologia e que estiveram presentes entre os etnólogos alemães, permite ao leitor brasileiro incorporar de vez a importância da antropologia de língua alemã na história do desenvolvimento da etnografia do e no Brasil. Se nomes fundamentais na história da antropologia brasileira como Curt Nimuendajú e Herbert Baldus foram herdeiros diretos dessa tradição, e Egon Schaden estabeleceu a partir de sua posição de catedrático na Universidade de São Paulo uma agenda de intensa divulgação das obras os etnólogos alemães seguida pelas pesquisas nas décadas posteriores pelas professoras assistentes da instituição como Thekla Hartmann, Renate Viertler e Lux Vidal, a história da etnografia alemã no Brasil é central para a própria história da antropologia brasileira.

Referência

- HERMANNSTÄDTER, Anita. Herrmann Meyer . Der Sertão als schwieriger sozialer Geltungsraum. In: KRAUS, Michael (ed.). *Theodor Koch-Grünberg. Die Xingu-Expedition (1898-1900)*: Ein Forschungstagebuch. Köln/Weimar/Wien: Böhlau Verlag, 2004.
- KOCH-GRÜNBERG, Theodor. *Do Roraima ao Orinoco*: Resultados de uma viagem no Norte do Brasil e na Venezuela nos anos de 1911 a 1913. São Paulo: Editora Unesp, 2023
- PENNY, H. Glenn. *Objects of culture. Ethnology and ethnographic Museums in Imperial Germany*. Chapel Hill/London: The University of North Carolina Press, 2002.
- PETSCHELIES, Erik. *Ascensão e Declínio da Etnologia Alemã (1884-1950)*. Campinas: Editora da Unicamp. 2022.
- SCHADEN, Egon. Karl von den Steinen e a exploração científica do Brasil. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 117-128, 1956.
- SCHADEN, Egon. A obra científica de Paul Ehrenreich. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 12, n. 1-2, p.83-86, 1964.
- SCHMIDT, Max. *Os Aruaques*. Trad. Petschelies, Erik. São Paulo: Editora Hedra, 2021.
- SCHRÖDER, Peter. Etnologia indígena na Alemanha: do legado bastiano até o cenário atual. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Belém, v. 19, n. 2, e20230067, 2024.
- VERMEULEN, Han. *Before Boas: The Genesis of Ethnography and Ethnology in the German Enlightenment*. Lincoln/London: University of Nebraska Press, 2015.
- VERMEULEN, Han; PINHEIRO, Cláudio; SCHRÖDER, Peter. Introduction: German Tradition in Latin American Anthropology. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 62, n. 1, p. 64-96, 2019.
- VIERTLER, Renate Brigitte. *Os Fundamentos da Teoria Antropológica Alemã*. Etnologia e Antropologia em países de língua alemã: 1970-1950. São Paulo: Annablume, 2017.
- WELPER, Elena (org.). *Chamado da Selva*: correspondência entre Curt Nimuendajú e Herbert Baldus. Rio de Janeiro: Camera Books, 2019.